

**Aldeia Comunal
de Chinhambuzi**



Vigilância e produção vencem os bandidos armados



Trinta hectares de terras são trabalhados por 15 membros da Cooperativa Agrícola «7 de Setembro», que tem muitas outras actividades não agrícolas

**Texto de Augusto Casimiro
Fotos de Anders Nillsson (AIM)**

Situa-se a cerca de 20 quilómetros da Sede Distrital de Manica, na Província do mesmo nome, e é composta por cinco bairros. É a Aldeia Comunal de Chinhambuzi, a erguer-se num local, com serras por todos os lados e contando com 489 famílias, o que perfaz 2236 habitantes. Uma Cooperativa Agrícola,

a que se deu o nome de «7 de Setembro» é a força que ali transforma a natureza e os homens, tendo já resolvido um problema, a falta de cola, que agora ali se produz, contando com recursos locais. As forças locais de defesa impedem qualquer acção dos bandos armados.

Carpintaria, cerâmica, padaria e produção de cola são algumas das acções em que se envolve a cooperativa agrícola



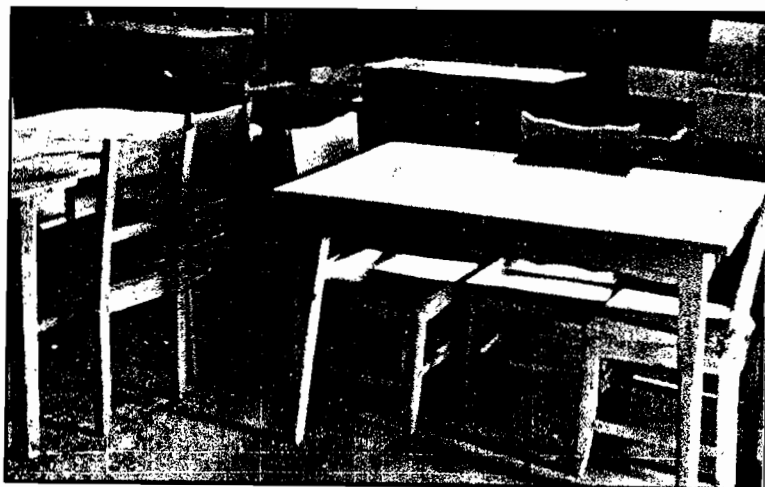
A Aldeia Comunal Chinhambuzi, cujas terras são banhadas por dois rios que têm água todo o ano, o Zawe e o N'Zombe, ocupa uma vasta área. Do seu centro para um dos cinco bairros que a integram são cerca de cinco quilómetros. A paisagem é bela, recortada por várias serras, umas pequenas, que até dão o nome ao bairro, e outras grandes, como a de Vumba, que fica ligeiramente para o norte.

É um centro comunal desde 1979 e a organização das forças locais de defesa tem cortado toda e qualquer hipótese aos bandidos armados de nela voltarem a fazer sentir a sua sanha assassina. Trabalha-se ali na terra com espingarda a tiracolo e a vigilância popular não é uma palavra vã, sem sentido. Mónica Pedro, de vinte anos de idade, mãe de dois filhos e natural daquela área, no momento em que estava em treino de

defesa, o que ali é frequente, disse que se estava a treinar «porque nós queremos viver e trabalhar em paz».

Curiosa foi a resposta à pergunta sobre o número de bairros. Vejamos o 1.º bairro, que se chama «Chai» e

se situa à entrada da aldeia, contando com 63 mulheres, 88 homens, 122 rapazes e 128 raparigas. Em relação aos outros quatro foi também assim. O Nora, que tomou o nome de um rio que banha a sua área, o «Bomba»,



Mobiliário produzido pelo sector da carpintaria na Aldeia Comunal de «Chinhambuzi»

nome de uma serra redonda, dentro da qual se situa «Chinhamutupwi», nome de pequena serra no meio do bairro e «Manbene», nome de grande serra sozinha, situada perto do bairro.

Em Chinhambuzi todas as famílias podem dispor de terras para a produção agrícola, dependendo a área

do número de membros do agregado. Em princípio vai até dois hectares por família que trabalha a terra. De facto, conforme foi dito e ali se pode constatar, fome é problema que não cabe naquele espaço territorial. Dispõe também de uma cooperativa de consumo, para o que se pagam 600 meticais, querendo ser membro, e conta apenas com 320 membros.

COOPERATIVA AGRÍCOLA «7 DE SETEMBRO»

Em 1983 começou a funcionar naquela aldeia uma cooperativa agrícola a que deram o nome de «7 de Setembro». Divide-se em três ramos, sendo que o 1.º é referente à carpintaria, com a fabricação de cola e inclui a padaria; o 2.º à cerâmica, in-

SIMPLICIDADE E TRABALHO ÁRDUO

João Mesa Chaeruca, de 51 anos de idade, é a autoridade máxima da Aldeia Comunal Chinhambuzi. Nasceu na área onde hoje está edificada aquela comunidade rural e vive nela com a sua mulher, três anos mais nova, os seus pais e irmãos. Têm sete filhos, tendo o mais velho, que vive no Zimbabwe, nascido a 18 de Dezembro de 1958 e o mais novo a 17 de Fevereiro de 1976. O seu nome está intimamente ligado à aldeia. Domina a arte da carpintaria e não se poupa a esforços para transmitir o que sabe.

Saiu de Moçambique em 1947, indo trabalhar para a então Rodésia. Seguiu-se também uma passagem pela Zâmbia, voltando de novo para a Rodésia, onde se estabeleceu como artesão, por conta própria. Voltou a trabalhar para uma grande companhia até que soube que o seu País iria ser independente. Resolveu voltar de vez à Pátria. Estabeleceu-se na área onde hoje está a aldeia comunal e dedica-se desde então, com afinco, à mobilização da respectiva população.

Em 2 de Dezembro de 1979 é raptado pelos bandidos armados e maltratado, conseguindo fugir no mesmo dia. Esta fuga foi possível, segundo diz João Mesa Chaeruca, por dois motivos. O primeiro, porque quando estava a ser interrogado por um grupo de 20 bandidos armados, entre os quais se encontrava um português, que era latifundiário na área de Manica, e o ameaçaram de morte, houve um BA que se insurgiu e não o deixou que o matassem. Nesse preciso momento uma unidade das nossas Forças de Defesa e Segurança, que perseguia os BA's, estava a fazer fogo contra a base. Gerou-se a confusão que permitiu a fuga.

Depois do rapto dos bandidos e porque nessa altura as suas acções estavam ali muito intensificadas, é colocado, juntamente com a sua família, num abrigo, durante a noite, sem que abandonasse as tarefas da aldeia. Frequentou cursos em outros pontos do País e notou-se que, dada a sua ausência, a mobilização dos camponeses não progredia como seria de esperar. Voltou para a aldeia comunal e o trabalho tomou um ritmo ascendente.



João Mesa Chaeruca, responsável máximo da aldeia comunal

No presente ano, no quadro das comemorações do 10.º aniversário da Independência Nacional, foi-lhe atribuída a Ordem Trabalho Socialista do 3.º Grau. Foi convidado a deslocar-se a Maputo para a receber das mãos do Presidente Samora Machel. João Mesa Chaeruca, pessoa muito simples e com as mãos calejadas pela arte de carpinteiro, disse que «agradecemos muito por esta medalha. Se não fosse a Frelimo eu não estaria aqui».

Para além de 1.º Secretário do Partido e Presidente do Conselho Executivo da Aldeia Comunal de Chinhambuzi, João Mesa Chaeruca é presidente da Assembleia do Povo da aldeia, presidente da cooperativa agrícola, membro do Comité Distrital do Partido e Deputado da Assembleia àquele nível. A sua simplicidade e trabalho árduo marcam a sua passagem por aquela aldeia comunal.

cluindo tijolos e telhas; e o 3.º referente à agricultura propriamente dita. Acontece que a cooperativa conta apenas com 45 membros, que para além de outras actividades, trabalham 30 hectares de terra, sendo oito de regadio e 22 de sequeiro. Só na última campanha, 84/85, produziram mais de cinco toneladas de milho.

Mas para uma população de 2236 habitantes, embora todos disponham de terras para a agricultura familiar, parece um número muito pequeno de membros da cooperativa. É o 1.º Secretário do Partido na aldeia e presidente do respectivo Conselho Executivo, João Mesa Chaeruca, quem explica isso. Disse, que «nós conhecemos a independência da Frelimo, mas ninguém conhece o que é isso de cooperativa do povo. Agora, o povo precisa de ser mobilizado sobre isso e quando cada qual compreende o que é uma cooperativa agrícola, entra. Não se pode forçar, o próprio compreenderá as vantagens».

Na parte agrícola da cooperativa trabalha-se das 7 às 12 horas, com um intervalo às 10 horas para o chá, e das 14 às 16.30 horas. Produz-se feijão, batata, tomate, repolho, couve, alface, cenoura, arroz e milho. Há, também, bananeiras, mangueiras e litchis. Segundo ali foi dito faltam sementes de trigo, cenoura, arroz, milho e batata. São utilizados bois para preparar as terras e a água de um dos rios que passa mesmo junto ao local é feita subir, por meios locais, e há regra por gravitação.

PROJECTO DE COLA

Há a destacar o projecto de cola que, segundo João Mesa Chaeruca, surgiu ali dada a falta daquele produto no mercado. Note-se que na carpintaria da aldeia comunal se fazem belas obras em madeira, desde cadeiras, mesas, aparadores, portas, camas e outros tipos de mobília, assim como carteiras de escola. A cola é um produto indispensável ao trabalho. Com a falta de cola no mercado os membros da cooperativa reuniram-se para ver como podiam resolver. E o problema foi resolvido. Utiliza-se pele de gado, que é mantida em água durante cinco dias, ao fim dos quais é posta a ferver em água durante quatro dias, findos os quais o que sobra, que é uma pasta, é adicionada a uma resina de uma árvore.

A cola já foi testada e aprovada. A produção na carpintaria não parou por falta de um produto que não havia no mercado. Foi possível ali fazê-lo, contando com os recursos locais.

A cooperativa tem feito várias construções na aldeia. A escola, da pré-primária à quarta classe e que conta com 559 alunos e oito professores, foi edificada pelos cooperativistas. Há o plano para se construir mais duas salas de aula, o que já começou, para que no próximo ano a escola possa dar também a quinta classe. Por outro lado está já em acabamento uma linda casa de hóspedes. O Centro de Saúde e a Maternidade também foram construídos pelos cooperativistas. Começará brevemente a construção de casas me-

lhoradas para os membros da cooperativa.

No domínio da cerâmica fazem-se na Aldeia Comunal de Chinhambuzi tijolos e telhas. Os tijolos fazem-se duas vezes por semana e à quantidade de 500 de cada vez, trabalhando apenas seis pessoas. Telhas produzem-se três vezes por semana.

O 1.º Secretário João Mesa Chaeruca disse que faz muita falta na aldeia um tractor. Explicou o facto dizendo que têm que transportar muitas coisas e pesadas, servindo-se, até agora, da tracção animal, mas que já não satisfaz as necessidades. «Um tractor dava-nos um grande jeito. Precisamos de um tractor e já temos dinheiro para o pagar», concluiu.

□